



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

ULI BATISTA PINTO MARTINS FARIAS

TOQUE: HISTÓRIAS DE VIDAS ARTESANAIS, IDENTIDADES E RESISTÊNCIAS  
NO ANTÔNIO BEZERRA.

FORTALEZA

2018

ULI BATISTA PINTO MARTINS FARIAS

TOQUE

Histórias de vidas artesanais, identidades e resistências do Antônio Bezerra.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Ceará como requisito  
parcial à obtenção do título de bacharel em  
Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

Farias, Uli Batista Pinto Martins.

Toque : Histórias de vidas artesanais, identidades e resistências do Antônio Bezerra. / Uli Batista Pinto Martins Farias. – 2018.

42 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), Fortaleza, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Emanuelle Kelly Ribeiro da Silva.

Coorientação: Prof. Dr. Abda de Souza Medeiros.

1. Artesanato. 2. Antônio Bezerra. 3. Mãos. 4. Mulher. 5. Arte. I. Título.

CDD 070.5

---

Às mulheres que tocaram minha vida.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	08
1. HISTÓRIAS TAMBÉM ESTÃO NOS LIVROS.....	15
2. ANDAR, OBSERVAR E TORNAR MEMÓRIA.....	20
3. TOQUE.....	22
3.1. O ENCONTRO.....	24
3.2. A AQUARELÁVEL TAMIRES.....	27
3.3. ANA: DO BARO SE FEZ A MULHER.....	30
3.4. DIVA: CROCHÊ EM REDE.....	34
3.5. ARETUZA: A MENTE ATIVA.....	37
3.6. A EXPOSIÇÃO: O ESPAÇO PARA O TOQUE.....	40
3.7. O DOCUMENTÁRIO: RECORTE DE TEMPO ALÉM DOS MUROS.....	41
4. AS DIGITAIS CONTINUARÃO A SE ENCONTRAR.....	42
5. REFERÊNCIAS.....	43

## LISTA DE FIGURAS

1. MAPA ÁREAS DE RISCO DO ANTÔNIO BEZERRA.....	13
2. FOTO ARETUZA E TAMIRES.....	25
3. FOTO ANA E DIVA.....	26
4. QUADROS TAMIRES.....	27
5. QUADROS ANA.....	30
6. QUADROS DIVA.....	34
7. QUADROS ARETUZA.....	37

## RESUMO

TOQUE apresenta-se como uma instalação artística com quadros artesanais e web documentários (curtas-metragens), ambos concebidos por meio da metodologia de histórias de vida e depoimentos pessoais de artesãs do bairro Antônio Bezerra. Ao perpassar suas histórias de vida e as narrativas individuais de moradoras de uma na periferia, que produzem artesanato, o projeto pretende fomentar o debate sobre o consumo da arte e do artesanato além de levar a um espaço acadêmico (Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará) – grande espaço de formação de novos artistas e das expressões artísticas contemporâneas - uma visibilidade um pouco mais ampla a essas mulheres. Além disso, perceber como as expressões artísticas feitas a partir das próprias mãos, influenciam as suas relações com os espaços em que (con)vivem e a sociedade, em seus diversos aspectos.

Palavras-chave: Antônio Bezerra, Artesanato, Mãos, Mulher e Arte.

## ABSTRACT

TOQUE presents itself as an artistic installation with handmade paintings and web documentaries (short films), both conceived through the methodology of life histories and personal testimonies of artisans of the Antônio Bezerra neighborhood. By going through their life histories and the individual narratives of dwellers from one in the periphery, who produce handicrafts, the project intends to foment the debate about the consumption of art and crafts and to lead to an academic space (Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará) - a great space for the training of new artists and contemporary artistic expressions - a somewhat broader visibility for these women. In addition, to perceive how the artistic expressions made from the hands themselves, influence their relations with the spaces in which they live with the society in its various aspects.

Keywords: Antônio Bezerra, Crafts, Hands, Woman and Art.

## INTRODUÇÃO

O presente projeto de caráter experimental se propõe a apresentar a “TOQUE: HISTÓRIAS DE VIDAS ARTESANAIS, IDENTIDADES E RESISTÊNCIAS NO ANTÔNIO BEZERRA”. Trata-se de uma exposição de quadros que utilizam a técnica do *String Art*, somado a um documentário. Estes, além da instalação e exposição física, irão para ampla divulgação na internet e têm o intuito circular na cidade em espaços públicos e privados, de modo que haja o máximo de disposição para a circulação do material. Ambos foram concebidos através das técnicas sociológicas de análise de histórias de vida e depoimentos pessoais de quatro artesãs do bairro Antônio Bezerra.

Uma abordagem sociológica qualitativa, metodologicamente, em nossa pesquisa baseada em entrevistas coletadas a partir da técnica de histórias de vida e entrevistas de profundidade, abordados segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz (1953):

A história de vida permite justamente estudar o fato social de seu interior, na fonte. O que os homens pensam, sentem e fazem, constituindo fatos sociais tanto, por exemplo, quanto às técnicas que empregam em seus trabalhos, a história de vida não-lo (sic) mostrar ao vivo; ela permite uma abordagem interior de fatos antes só se observava do exterior. (QUEIROZ, 1953. p. 162)

O processo de construção desse projeto e a escolha do tema também estão relacionados a proximidade com o campo cultural, onde atuo profissionalmente, desde antes da entrada no meio acadêmico – com atuação na fotografia – e continuou no espaço universitário, quando comecei a executar atividades ligadas ao setor, passeando pela produção cultural e o artesanato. Uma das inspirações para o tema da exposição foi o entendimento dos processos artesanais que foram sensivelmente traduzidos pelas palavras do escritor e diplomata mexicano, Octávio Paz (2006):

Uma vez que é feita por mãos humanas, a peça de artesanato preserva as impressões digitais - reais ou metafóricas - do artesão que as criou. Essas impressões não são a assinatura do artista, elas não são um nome. Nem são uma marca registrada. Antes são um signo: a cicatriz quase invisível, que denota a irmandade original dos homens e sua separação. Além de ser feito por mãos humanas, o artesanato também é feito para mãos humanas: não apenas podemos vê-lo, mas tocá-lo com nossos dedos. (PAZ, 2016. s/p)

A partir desse momento, as diversas possibilidades de atuação que uma comunicadora possui nesse campo, despertaram nosso olhar para observar e refletir de forma mais atenta e sensível sobre os espaços públicos e as atividades culturais que aconteciam nos bairros de Fortaleza. Expandir a visão dessa forma refletiu sobre os objetos que me rodeavam, como se dava a minha forma de expressão com os lugares, as pessoas e seus ofícios que nos afetam (em todos os sentidos da palavra), como a comunicação nos perpassa e como nós poderíamos estar

em uma rede ainda pouco consolidada. Foi um processo de forte impacto, principalmente como moradora de uma região periférica como o Antônio Bezerra.

Como parte desse processo de (re)descoberta, um novo olhar acerca do bairro onde morei durante toda minha vida me tornou atenta à dicotomia entre uma periferia assistida por políticas culturais que detinha um Centro Cultural, mantido por órgãos estaduais – a exemplo do Grande Bom Jardim, Barra do Ceará e o Jangurussu com seus Centros Culturais e Cucas –, comparado a região do Antônio Bezerra, periferia que funciona como “bairro dormitório” e com quase nenhuma atividade ou política voltada para o fomento à cultura, vinda desses mesmos órgãos públicos. Ainda é possível afirmar a existência de um Espaço Cultural, mantido por iniciativa particular que limitava suas atividades a shows musicais, que no segundo semestre de 2018 está sendo transformado no Instituto de Arte e Cidadania (IAC) e um recém-nascido Casarão Popular (que é dirigido pelas mesmas pessoas do IAC), o qual fornece alguns cursos de curta duração e creche à população do bairro por preços baixos.

Todavia, podemos afirmar que há uma pequena movimentação no âmbito cultural auto-organizada. Neste caso, gostaria de citar o artista José Antônio Viana Rocha, conhecido como Baticum, que tem 34 anos e é arte educador, o qual produz o “Sarau Okupação!”. Este teve início em outubro de 2016, na Praça do Ipiranga, Antônio Bezerra, que apelidados a Praça de Resistência. A Okupação durou até janeiro de 2017 e depois de conversar sobre as dificuldades lá, foram para a Rua do Amor, em fevereiro do mesmo ano, uma experiência que continua até hoje, junto com a Biblioteca Comunitária Okupação o projeto de ponto de leitura numa geladeira na parte externa. Sempre com apresentações diversas, música, poesia, teatro, bancas, rap, oficinas e doação de mudas. Às vezes ocorrem oficinas que os próprios participantes propõem. Diretamente varia entre 30 a 60 pessoas presentes e indiretamente esse número chega a 100 ou 150, dependendo da movimentação, pessoas que passam, observam, ficam nas suas calçadas etc. O sarau acontece mensalmente, sempre na segunda sexta-feira do mês. Para o sarau em si, a organização não quer ter apoio público ou privado, de governo ou empresário. No entanto, a Biblioteca pode receber esses recursos, o Slam da Okupa também, a Bienal Itinerante de Poesia. O posicionamento do projeto é crítico em relação a esses apoios, mas ter estratégias para fazerem isso, por entender que os recursos têm fatores geradores públicos, que ali tem recursos provenientes de uma contribuição da sociedade, direta e indiretamente, sendo totalmente justo quem quiser buscar captar esse apoio para obter os recursos.

**No Antônio Bezerra**, sempre eles tiveram muitas dificuldades e segundo Baticum:

Existem algumas partes onde as pessoas são aparentemente conservadoras e

dificultam a atuação. A importância é que sem isso não podemos viver. Aqui a cultura vai muito pelo que é pré-estabelecido, alguns chamam de tradicional e aí quando aparecem essas coisas novas assustam mas sabemos ser estratégicos e procurar desenvolver bem. A importância na autoestima, na circulação de pessoas, na questão da segurança, do convívio, é o que gera uma sociabilidade, e reforçamos isso! Para alguns somos atrevidos ou tudo que não presta, para outros corajosos, determinados, que fazem a diferença. (ROCHA. 2018. Entrevista via email)

Além da Okupação, tem a Crítica Cultural, que é o desdobramento da antiga Ocupa, de onde de certa forma saiu a nossa Okupação! Eles realizam festas de rock. Devem ter outras, mas a maioria com viés partidário ou eleitoral.

Alguns nomes conhecidos na cena cultural de Fortaleza são nativos do Antônio Bezerra, como os irmãos Andrade, que fazem parte da empresa de produção cultural “Procultura”, que realizam ações como o projeto viaduto como um palco, utilização da área como quadra de esportes não convencionais.

Ambos têm sua importância e impactos, todavia não receber qualquer apoio do governo do estado ou prefeitura se torna um fator que dificulta manter os projetos de forma mais efetiva, contínua e abrangendo um maior número de pessoas. Tudo que tem ocorrido até hoje tem funcionado de modo auto organizado ou conseguindo alguns pequenos suportes, como no caso do projeto Viaduto, que possui autorização municipal para uso do espaço abaixo do viaduto do Antônio Bezerra.

Investigar essas ações foi fundamental, mas ainda latente perceber a presença de poucas mulheres que estavam ativamente nesses espaços do bairro e, as que estavam, não tinham como ofício ou ocupação algo ligado à arte ou ao campo cultural. Onde estavam as mulheres das artes do Antônio Bezerra? E principalmente, onde estão as artesãs? Comunicando-se via internet (*instagram e whatsapp*), basicamente em suas casas e em uma rede de convívio muito específica das proximidades das suas moradas. Ir ao encontro delas e inserir as percepções e experiências dessas mulheres, periféricas e artesãs em um espaço acadêmico como o Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará) – ambiente de formação de novos artistas e das expressões artísticas contemporâneas – temos como proposta fomentar o debate a respeito do consumo da arte e do artesanato, além dar visibilidade a essas mulheres. Demonstrar através dessas mídias, como as expressões artísticas feitas a partir das próprias mãos, influenciam as suas relações com os espaços em que (con)vivem e a sociedade, em seus diversos aspectos, onde a estratégia do mercado, como cita Canclini:

Enxergar os produtos do povo mas não as pessoas que produzem, valorizá-los apenas pelo lucro que geram, pensar que o artesanato, as festas e crenças tradicionais são resíduos de formas de produção pré-capitalistas. O popular é o outro no medo primitivo: um obstáculo a ser suprimido ou um novo rótulo pertencente a mercadoria

capaz de ampliar as vendas a consumidores descontentes com a produção em série.”  
(CANCLINI, 1982. p.11)

Tocar é preciso, conhecer as histórias por trás de um produto e como potencializar essas mulheres através do seu trabalho e da sua mente ativa. Qual o lugar da periferia no processo de fomento à cultura e seu protagonismo interno? Como resiste a mulher periférica na arte e no artesanato? Por que arte e artesanato são vistas de forma tão diferenciada? Como o Antônio Bezerra sido assistido em políticas públicas e culturais? A fim de instigar o debate sobre periferia e cultura, feminilidades e o consumo da arte e do artesanato, surge a exposição “TOQUE: HISTÓRIAS DE VIDAS ARTESANAIS, IDENTIDADES E RESISTÊNCIAS, NO ANTÔNIO BEZERRA.” que, através de quadros em *string art* e um documentário, retrata as histórias de vidas de quatro artesãs do bairro Antônio Bezerra. A partir dessa reflexão, desejamos fomentar o debate sobre por que a arte é tida como intocável e o artesanato tem menor importância em galerias, museus e até em fomentos às políticas públicas, por exemplo. E para além disso, investigar como a comunicação tem perpassado suas vidas e que de que maneiras, através dela, é possível dar maior visibilidade às artesãs e ao movimento de artesanato do Antônio Bezerra, percebendo ainda como as expressões artísticas feitas a partir das mãos, dessas mulheres influenciam a sua relação com os espaços em que (con)vivem e a sociedade, em seus variados aspectos.

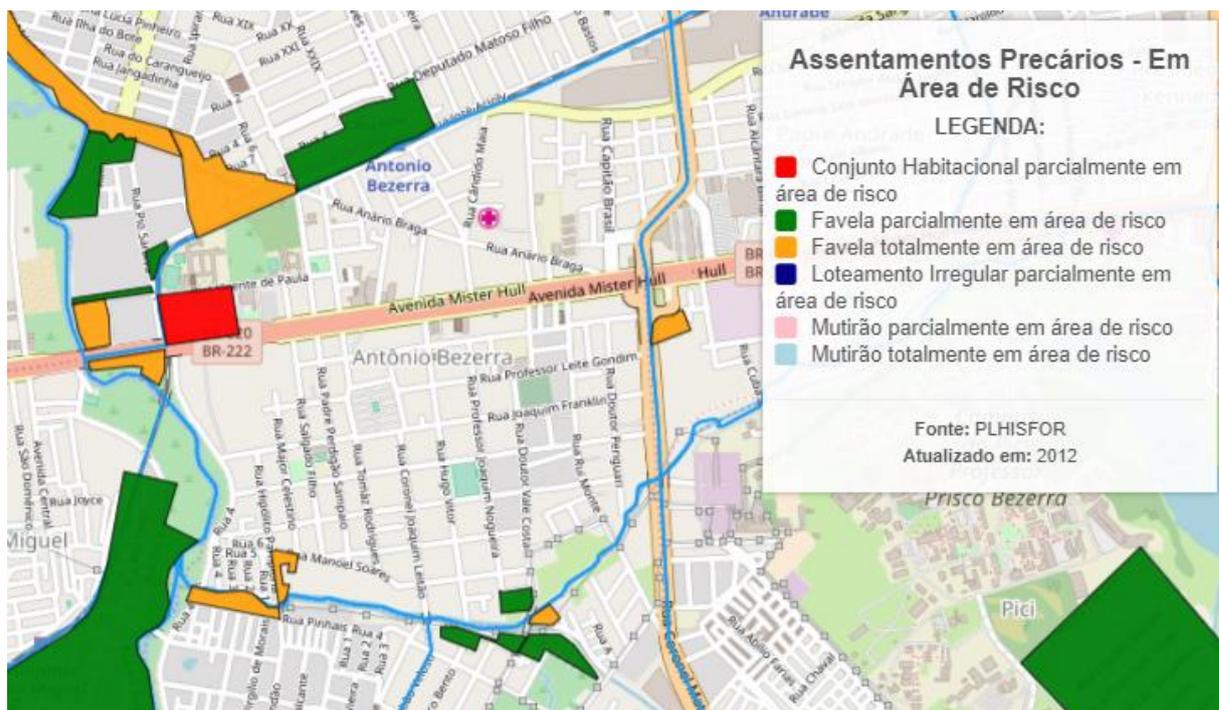
Em uma pesquisa feita no repositório da Universidade federal do Ceará, em maio de 2017, nos deparamos com inúmeras monografias e teses que abordaram a relação entre artesanato e arte e as implicações desta questão em diversas amplitudes das mais globais às regionais. Entretanto, nenhum dos projetos tinha caráter experimental e trazia a como mote a questão de dar visibilidade aos artistas por meio de mídias que pudessem proporcionar um acesso, inclusive sensorial ao trabalho feito. O que nos instigou a propor um projeto que utilizasse mídias como quadros artísticos e produtos audiovisuais.

Na trajetória acadêmica sempre tive interesse por questões que caminharam em torno de discussões sociais. Perceber como vivenciadora e produtora no campo cultural, fez com que a percepção sobre as diversas dicotomias existentes nesse campo e como a maioria dos bairros periféricos da cidade estão distantes do acesso à políticas, bens e produtos culturais ficasse aguçada e arisca. Expandir a visão dessa forma nos instigou a refletir sobre os objetos que nos rodeiam e como se dava a nossa forma de expressão com os lugares e pessoas que nos permeiam foi um processo de forte impacto.

Desse modo, nasce a proposta de expormos as histórias de vida, e a relação dessas mulheres com o artesanato, suas resistências na periferia - além de fomentar a reflexão sobre

arte e artesanato e o que dá o tom de “inalcançável” a um e de menos complexo ao outro, respectivamente. Para levantar o debate, pensamos em levar para o espaço do Instituto de Cultura e Arte que, ademais, encontra-se em considerável proximidade ao bairro escolhido para pesquisa de modo que garanta o acesso das pessoas envolvidas na pesquisa ao debate e ao produto final, uma exposição artística, com quadros em *String Art* e o documentário feitos a partir de entrevistas sobre a história de vida de artesãs do Antônio Bezerra. O bairro Antônio Bezerra apresenta alguns índices são determinantes para percebemos a importância do debate. Vamos utilizar alguns como o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), os Indicadores do Milênio, Indicadores de área edificada para moradia e comércio, Mapeamento das Áreas de risco e projetos sociais. Além disso, uma pequena análise sobre os mapeamentos do projeto Fortaleza 2040.

O Antônio Bezerra tem alguns dados que o enquadram em alguns dados que visibilizam a situação de precariedade, como apresentar uma renda média de um salário mínimo (entre 482 e 964 reais). Com relação ao IDH segmentado em educação, foi pontuado como 0.9607, o de longevidade 0.4 e de renda 0.0929, fazendo uma média de 0.3483, resultando em uma média que determina o índice de desenvolvimento humano MUITO BAIXO. Em uma visão geral do bairro com base nos indicadores milênio, além da renda, contém apenas 13 equipamentos de educação (6 escolas estaduais e 7 municipais), 3 equipamentos de saúde, 1 CRAS/CREAS, 5 praças com quase nenhuma infraestrutura em sua maioria, nenhuma areninha. Além destes índices o bairro é cercado por áreas de risco, que nos sinaliza uma má qualidade no direito básico de uma moradia digna dos habitantes dessa região. No mapa a seguir, vemos melhor situado em mapa as regiões que cercam o Antônio Bezerra e, inclusive, algumas das artesãs residem.



Em vermelho, situa o Conj. Resid. Hipólito Pamplona/ S. Vicente de Paula / RFFSA /BR-222. Em verde, nota-se a presença do Conjunto Mangueiral, região onde a entrevistada Tamires Ferreira habita. A Rua Tenente Viana, Travessa Brasil, Santa Filomena, Dom Lustosa e travessa maranguapinho. Em amarelo, localizamos favelas situadas em regiões totalmente enquadradas em áreas de risco e a poucos metros da casa da entrevistada, Diva Moreira estão localizadas a comunidade alto do bode e a rua Daniel Castro. Nos arredores ainda pontuamos a Comunidade do Sossego/Muriçoca, Unidos Venceremos, Cal Bubu, Comunidade Travessa Maranguapinho e a comunidade da Chesf.

Os projetos sociais presentes no bairro T&J Celulares e Acessórios, empreendimento contemplado pelo Projeto CREDJOVEM, viabilizando uma iniciativa privada. É válido pontuar também que não há CAPS nem Conselho Tutelar próximo.

Com base na obra de Queiroz (1953, p. 161), foi utilizada como metodologia um modelo de análise sociológica qualitativa, baseado na aquisição de histórias de vida e depoimentos pessoais, em formato de entrevistas. Segundo a autora, esta metodologia constitui em uma análise de fatos sociais ao vivo permitindo assim uma abordagem factual interior de situações que antes poderiam ser observadas apenas exteriormente. Para além, todas as entrevistas com as artesãs e o processo de concepção, produção e finalização dos quadros seriam acompanhadas e transformadas em um produto audiovisual de curta-metragem.

A iniciativa de acrescentar a produção de materiais audiovisuais todo o processo deste projeto, se alinha também como debate de democratização da comunicação, que, tem como

ponto central permitir acesso dos meios e das mídias a todas e todos. Mesmo sabendo que nem todas as pessoas podem se conectar de maneira direta à internet, trata-se de um meio que pode disseminar informações em uma forma mais rápida e prática, para transmitir ao maior número possível de pessoas, mesmo após o acontecimento da exposição física. Além disso, é válido ressaltar que algumas cenas do documentário foram gravadas pelas próprias artesãs, que tiveram acesso aos equipamentos, tendo autonomia de conduzir parte da produção do material audiovisual.

Ao inserir as percepções e experiências dessas mulheres, periféricas e artesãs, em um espaço acadêmico como o Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará) – ambiente de formação de novos artistas e das expressões artísticas contemporâneas – temos como proposta fomentar o debate a respeito do consumo da arte e do artesanato partindo da periferia. Em contrapartida, aproximá-las de um espaço que convém ser amplamente acolhedor às suas expressões, trabalhos e histórias, viabilizando por meio da exposição proposta e da divulgação do documentário para maior repercussão em torno das produções das mulheres entrevistadas.

Por fim, coloco-me ainda como comunicadora que mora em uma região periférica. Carrego com clareza e leveza a responsabilidade de ser condutora e comunicante das percepções de periferia, por meios artísticos, parte das convicções formadas durante minha trajetória, sobre uma Fortaleza excludente, com suas periferias ferventes em possibilidades com a arte e a cultura. Comunico-me através de quadros que constroem narrativas sobre (quase) tudo que permeia essas mulheres: pelo o ofício de manter a mente ativa com os trabalhos artesanais, histórias vivas que devem ser homenageadas e os modos de sobrevivência extremamente sensíveis que estava narraram durante nossas longas conversas. Com quadros, também quero comunicar por meio da arte e suas possibilidades de metalinguagem (artesanato narrando artesanato). E reconhecendo as barreiras que um meio apenas físico carrega, produzir documentários com com intuito de atingir ainda mais pessoas.

A exposição tem a proposta de ser itinerante, após sua execução nos espaços da universidade, exatamente com a intenção de chegar às pessoas que não têm acesso à internet e a alguns meios de comunicação. Na internet, fazemos mais amplo o alcance, de maneira a convidar todos a presenciar a exposição e o debate dos temas propostos. Ainda na exposição, o curta-metragem serve como um momento mais íntimo dos quadros expostos, convidando os visitantes a ir além da imersão e do tocar nestes (será um convite constante que os visitantes coloquem as mãos nos quadros), sendo envolvidos, também, pelas sensações de ouvir e ver um

material expositivo, que mostre o rosto dessas mulheres e os discursos apresentados que inspiraram a sua produção.

Este projeto de conclusão de curso e de vida nasceu de diversas inquietações e se propõe a ir a todos os espaços que exista artesanato, histórias e digitais para ser tocadas. Começamos no Antônio Bezerra, mas queremos circular com ele por todas as periferias da cidade, ambicionando o estado do Ceará e o Brasil, ansiando ouvir, ver e produzir sobre o TOQUE que nos envolve sempre com o mote central: Dar visibilidade às artesãs e ao movimento de artesanato do Antônio Bezerra e instigar o debate sobre consumo da arte e do artesanato em Fortaleza com foco nas periferias. Somado a esta perspectiva, como a comunicação as permeia, entre pontes e barreiras.

A pesquisa está estruturada em seis capítulos: “Histórias também estão nos livros” e “Andar, observar e tornar memória” o qual apresento o embasamento que alguns teóricos pesquisadores colocaram em seus livros, suas inquietações que me impulsionaram a um olhar mais crítico a este campo e com um recorte etnográfico, respectivamente. “O encontro”, em que apresento a metodologia de pesquisa em histórias de vida e já me debruço sobre as personagens que encontrei. “Prego a prego, linha a linha”, relato o processo de construção de cada quadro, assim como no “Nuances do visual”, em que relato o desenvolvimento do documentário elaborado. Concluo com o capítulo “Ainda temos muito a dizer”, que como o título já diz e adiando ao leitor que o projeto é contínuo e seguirá partilhado entre a academia, a rua e as inquietações que nos atravessam no cotidiano de ser artesãs na cidade solar.

## **HISTÓRIAS TAMBÉM ESTÃO NOS LIVROS**

Para a elaboração deste trabalho, buscou-se encontrar referências nos campos da sociologia, antropologia e da comunicação, a fim de traçar a metodologia e os conceitos utilizados para levantar questionamentos com pontos chave como: arte; artesanato; comunicação e outros.

Dentre inúmeros autores que conceituam arte e artesanato, acolhemos o que está no conteúdo das obras de Octavio Paz, escritor e diplomata mexicano, agraciado com o prêmio Nobel da literatura, em 1990. Para obter mais referências, também nos utilizamos de autores como Mario de Andrade, Walter Groupius, e Nestor Garcia Canclini. Maria Isaura Queiroz e José Machado Pais, para falar sobre histórias de vida e o cotidiano, respectivamente.

Partido do debate artesanal, para Paz (2006) a arte preocupa-se com a valorização da forma e com a beleza do objeto, e não com a sua função. Processo que se inicia na renascença,

a partir do momento em que determinados objetos foram retirados de seu contexto histórico, de sua função específica, de seu significado original e a partir daí colocados à nossa frente, em vitrines, viraram “divindades-enigmáticas”, como se a transferência deles do antigo lugar ao qual pertenciam, para um museu, fosse – nas palavras do autor – “uma transmutação mágico-religiosa”, que transformou objetos em ícones, que passaram a exigir nossa adoração (PAZ, 2006). Para ele, esse processo, insere a arte para contemplação, no que se assemelha a uma religião:

A religião da arte, como a religião da política, brotou das ruínas do cristianismo. A arte herdou da religião que a precedera o poder de consagrar as coisas e dotá-las de uma espécie de eternidade: os museus são nossos locais de adoração, e os objetos neles exibidos estão à margem da história. [...] contemplamos a obra de arte com a mesma reverente admiração – embora com menores recompensas espirituais – que o sábio da Antiguidade dedicava ao céu estrelado como corpos celeste, essas pinturas e esculturas são ideias puras. A religião da arte é um neoplatonismo que não ousa confessar o nome – isso quando não é uma guerra santa declarada contra hereges e infiéis. A história da arte moderna pode ser dividida em duas correntes: a contemplativa e a combativa. Escolas como o cubismo e o expressionismo abstrato pertencem à primeira; movimentos como o futurismo, o dadaísmo e o surrealismo, à segunda, Místicos e cruzados. (PAZ, 2006. p.82)

Paz (2006), então disserta acerca do artesanato tratando-o como um “ser” que não gostaria de viver por milênios ou tem a pretensão de morrer prontamente. Ele transcorre junto aos dias, flui, se gasta aos poucos e não nega a morte, ou a busca, mas aceita seu destino. O autor continua e afirma: “entre o tempo sem tempo do museu e o tempo acelerado da tecnologia, o artesanato tem o ritmo do tempo humano. É um objeto útil que também é belo; um objeto que dura, mas que um dia, porém se acaba e resigna-se a isto; um objeto que não é único como uma obra de arte e pode ser substituído por outro objeto parecido, mas não idêntico.” Para ele o ofício do artesão se assemelha ao movimento de pêndulo constante, que passeia entre a utilidade e a beleza.

Ora, segundo o autor, se os objetos artesanais são concebidos um a um, de forma manual e tem como características a utilidade e a beleza, por qual motivo não existe neles a criação, o trabalho e o fazer artístico? Ao longo da história da arte, desde o seu surgimento, a mesma está intimamente ligada ao artesanato e a utilidade.

Mário de Andrade (1938), em sua obra “O artista e o artesão”, declara que o artesanato é parte da técnica artística, infelizmente a que mais é desprezada e completa dizendo que o artesanato é a parte da técnica que pode ser ensinada, mas que existe outra parte da técnica da arte que é por assim dizer, “a objetivação, a concretização de uma verdade interior do artista”.

Entretanto, Andrade (1938) ressalta que o objeto artesanal pode ser uma “revelação da relação entre o homem e a sociedade”. O autor considera que, na tensão entre repetição e criação, é possível haver uma “revelação” do objeto artesanal “o que desponta na criação em meio à repetição contém a rebeldia e a transgressão da própria repetição”.

Walter Gropius, um dos fundadores da Bauhaus – considerada uma das primeiras escolas de design do mundo -, declarou em um manifesto em 1919:

Não há nenhuma diferença essencial entre artista e artesão, o artista é uma elevação do artesão, a graça divina, em raros momentos de luz que estão além de sua vontade, faz florescer inconscientemente obras de arte, entretanto, a base do "saber fazer" é indispensável para todo artista. Aí se encontra a fonte de criação artística. Formemos, portanto, uma nova corporação de artesãos, sem a arrogância exclusivista que criava um muro de orgulho entre artesãos e artistas. (GROPIUS, 1919. s/p)

Se no século XIX a ideia de que o processo da criação da arte passa por um processo artesanal já existia, por qual motivo o artesanato ainda hoje é visto como atividade inferior, fadada a feiras e espaços menores, enquanto a arte se fecha em espaços glamourosos? Em relação ao artesanato na modernidade, Canclini (1983), aborda a posição desse tipo de produção dentro do contexto de tensões no processo de estruturação de novas formas de produção e trabalho, afirma que apesar do advento das manufaturas seguida da criação das fábricas, os artesãos continuam desenvolvendo atividades manuais marginalizadas em relação à produção industrial, porém encaixados na lógica do sistema capitalista.

Para o autor, a produção de artesanato na atualidade se faz necessária ao capitalismo, pois a exemplo de outras manifestações populares, o artesanato desempenha funções na reprodução social e na divisão do trabalho de diferentes maneiras, dentro do sistema.

as peças de artesanato podem colaborar para a revitalização do consumo, por introduzirem na produção industrial e urbana, a um custo muito baixo, desenhos originais e o “diferencial simbólico” e por remeterem a modos de vida mais simples, evocando uma natureza nostálgica nativa e indígena que não pertence ao cenário urbano e cosmopolita (CANCLINI, 1983, p. 65).

Assim, para o autor, a produção artesanal auxilia na satisfação das necessidades de consumo, por meio da “ressignificação publicitária dos objetos”. Deste modo, artista não se encaixa como a elevação do artesão, todavia toda atividade artística envolve uma atividade artesanal. Logo os dois deveriam caminhar juntos e serem igualmente valorizados. Derrubemos então o muro que separa a atividade artística do artesanato.

Quando falamos de um processo artístico dentro da periferia, é colocado processo de adaptação para a reprodução ideológica dos meios capitalistas, como coloca Canclini:

Toda formação social reproduz a força de trabalho através do salário, a qualificação desta força de trabalho através da educação e, por último, reproduz constantemente a

adaptação do trabalhador à ordem social através de uma política cultural-ideológica que orienta toda a sua vida, no trabalho, na família, no lazer, de modo que todas as suas condutas e relações mantenham um sentido que seja compatível com a organização social dominante. A reprodução da adaptação a esta ordem requer. (CANCLINI, 2006. p. 34)

Os processos da violência cotidiana perpassam as pressões capitalistas de viver de artesanato estar no campo do insuficiente, pois não estar na classe dominante nos coloca em posição submissa ao que Canclini chama de “aparelhos culturais” (p.38), que são as instituições que administram, transmitem e renovam o capital cultural. “No capitalismo são principalmente a escola e a família, mas também os meios de comunicação, as formas de organização do espaço e do tempo, todas as instituições estruturas materiais através das quais circula o sentido”. Neste caso, o sentido do artesanato nas culturas não-capitalistas que o autor aborda, todavia argumento esta violência às subjetividades do fazer e do existir a partir da arte também nas culturas capitalistas, na perspectiva que coloca Bauman na obra *A Arte da Vida*:

Praticar a arte da vida é fazer sua existência uma ‘obra de arte’, significa, em nosso mundo líquido-moderno, viver num estado de transformação permanente, auto-definir-se perpetuamente tornando-se (ou pelo menos tentando se tornar) uma pessoa diferente daquela que se tem sido até então. ‘Tornar-se outra pessoa’ significa, contudo, deixar de ser quem se foi até agora, romper e remover a forma que se tinha, tal como uma cobra que se livra da sua pele e a ostra de sua concha; rejeitar, uma a uma, as personas usadas - que o fluxo constante de ‘novas e melhores’ oportunidades disponíveis revela serem gastas, demasiado estreitas ou apenas não tão satisfatórias quanto foram no passado. Para apresentar em público em novo eu e admirá-lo no espelho e nos olhos dos outros, é preciso tirar o velho eu das vistas, nossas e de outras pessoas, e possivelmente também da memória, nossa e delas. Ocupados com a ‘autodefinição’ e a ‘auto-afirmação’, nós praticamos a *destruição criativa*. Diariamente. (BAUMAN, 1925. p. 99)

Quando rompemos as barreiras da periferia, entremos em um enfrentamento demasiadamente intenso com o espaço público e dos outros, carregamos a perspectiva de constante adaptação e transformação para caber no “quase universal, fato da vida: o aparentemente persistente reconhecimento equivocado do trabalho das mulheres como algo menor que trabalho.”(p.207) se tornou latente preocupação entre as antropólogas feministas com a natureza da separação político/doméstico:

Os trabalhos das mulheres ou não têm visibilidade ou, então, onde estão visíveis, não oferecem a elas oportunidade social de que usufruem das atividades dos homens e bem podem ser obscurecidos por outros critérios de importância pública. Tais avaliações são inerentes a arranjos e classificações culturais. Dado que estes vistos muitas vezes como algo que funciona no interesse dos homens, o corolário é a suposição de que, ao se beneficiarem desses arranjos mais do que as mulheres, os homens exploram, direta ou indiretamente, o trabalho das mulheres. (STRATHERN, 2006,p.207)

Todavia, atualmente é claro percebermos que não se trata de uma guerra dos sexos, mas o debate que se propõe amadurecer está em torno da estrutura patriarcal que nossa sociedade

foi construída ao longo de séculos e está, só agora, sendo confrontada em diversos campos e aspectos. É de extrema importância quando falamos de gênero e artesanato pontuar sobre os meios de produção não estão como foram estruturados para não pertencer às mulheres, conseqüentemente, as “coisas” produzidas por nós são apropriadas em um campo cultural subjetivo em que nossas produções perdem valor - não se trata de verba - das formas de fazer “trocas” e sobreviver de maneira digna.

As pessoas possuem tanto suas mentes como seus corpos, e suas mentes transformam os donos de suas próprias ações em autoras e autores destas. Este potencial unitário demarca a singularidade distintiva de tal autoria, em paralelo com o “indivíduo” como uma entidade real e concreta. De fato, é possível deslocar-se da conceitualização de um sujeito exercendo controle sobre os objetos à sua disposição, inclusive aptidões como sexualidade para uma sociedade ou cultura vista como transformando as propriedades intrínsecas das coisas - culturalmente concebidas como utilidades - em objetos e valor convencional. Tanto as aptidões disponíveis para a pessoa quanto os recursos disponíveis para a sociedade são construídos como “coisas” que têm em si um valor natural ou utilitário prévio. E as pessoas com indivíduos, por sua vez, consistem exatamente em tal recurso para sociedade. Controlar ou explorar esse valor intrínseco é levantar questões sobre a autoria ou propriedade do valor social ou extrínseco assim criado. (STRATHERN, Marilyn. 2006 p.210)

O conceito de “Dádiva” apresentado por Gregory Bateson e criticado por Strathern (1988) é extremamente condutor ao pensamento que proponho este trabalho. De modo a situar, entende-se por “Economia da Dádiva uma fórmula sintética para descrever uma relação entre produção e consumo, na qual a produção consumptiva dá forma às motivações das pessoas e à maneira pela qual reconhecem atividades produtivas.” (p.223). Para desenvolver essa ideia de identidade singular do consumo, Strathern critica as dinâmicas de troca e prestígio que sustentam uma ideia de reciprocidade, chamando-as de “dinâmicas de transformação”, mais propriamente que de conversão, que não se trata de comparar a “riqueza da subsistência” e a “riqueza de prestígio”. Seria enganoso apresentar um caso de substituição do trabalho, uma identidade unitária por outra e finaliza “o trabalho não pode ser medido separadamente das relações”(p.246), trazendo a metáfora de um eclipse e de uma revelação para elucidar que a economia da dádiva por contraste faz com que o valor humano esteja aparente em alguns arquétipos, mas que as relações sociais são feitas de nuances:

Se esse processo de eclipse e revelação oculta e, assim, mistifica algo, trata-se das convenções de reificação. E assim ocultada, como nós a veríamos, é a extensão em que as coisas que as pessoas fazem se situam acima e além delas. Aprendemos as coisas como impondo suas próprias limitações materiais sobre a condução dos assuntos humanos, incluindo as relações entre homens e mulheres. Há aqui uma analogia ou uma metáfora para o que poderíamos desejar conhecer sobre tal administração. Se a análise pode explicitar as relações sociais contidas na natureza reificada da mercadoria, então também pode explicitar a dependência das relações de

troca de dádivas em relação à natureza das coisas. (STRATHERN, Marilyn. 2006. p. 257)

Entre os mistérios do eclipse e das revelações que a autora citada propõe sobre homens e mulheres e a natureza das coisas, algumas inquietações de ordem prática não deixam de pulsar: as mulheres que encontrei em meu caminho para a realização deste trabalho tinham (e têm) muito a dizer sobre suas vidas foram perpassadas por momentos em que ser o corpo de uma mulher que fala, é determinante foi marcante nos seus fazeres e memórias do cotidiano. Perceber isto e inevitavelmente encontrar-me nelas dão a pulsão da necessidade de trabalho prático, expositivo e audiovisual de maneira espontânea como diria a autora Clarissa Estes que coloco-me a liberdade de citar “para promover nosso relacionamento de intimidade com a natureza instintiva, seria de grande ajuda se compreendêssemos as histórias como se estivéssemos dentro delas, em vez de as encararmos como se elas fossem alheias a nós. Penetramos numa história pela porta da escuta interior.” (1994. p. 22), nos colocamos combativas a algumas opressões que vivemos sem deixar de falar das boas memórias também. As coisas e as interações sociais com o gênero masculino também nos edificaram em outro momento, mas neste recorte de espaço e tempo nossa narrativa terá foco em mulheres afinadas que andam em rede se tornando mais fortes, e que um singelo convite a ouvir histórias de vida parafraseando a obra *Mulheres que correm com lobos*:

As histórias conferem movimento à nossa vida interior, e isso tem importância especial nos casos em que a vida interior está assustada, presa ou encurralada. As histórias lubrificam as engrenagens, fazem correr a adrenalina, mostram-nos a saída e, apesar das dificuldades, abrem para nós portas amplas em paredes anteriormente fechadas, aberturas que nos levam à terra dos sonhos, que conduzem ao amor e ao aprendizado, que nos devolvem à nossa verdadeira vida de mulheres selvagens e sagazes. (ESTES, 1994. p.19)

## **ANDAR, OBSERVAR E TORNAR MEMÓRIA**

Seguindo a metodologia das histórias de vida como supracitado na página 5 deste trabalho, conceituado pela autora Maria Isaura Queiroz (1953), tem sua origem na psicologia e com o decorrer dos anos amadurece, passando a estudar o indivíduo presente no fato social humanizado e que se propõe a buscar depoimentos pessoais e observar o fato social da fonte, investigando o que as pessoas sentem, pensam e fazem. Esta metodologia nos propicia uma abordagem em que se observa os fatos do interior.

Antes do início da pesquisa por pessoas para formar o grupo de referência, posteriormente composto por mulheres, artesãs e residentes no bairro do Antônio Bezerra, formulamos previamente o problema principal e as questões que a pesquisa se propunha a levantar. Traçamos então a problemática principal: como se dá a relação dessas mulheres artesãs

como o artesanato e como este influencia, ou não, suas relações cotidianas com os espaços e a sociedade onde vive (em seus variados aspectos)? Logo depois montamos um roteiro com perguntas que se complementam, pensadas para que o mínimo de interrupções na fala das entrevistadas fosse feito, a fim de manter a entrevista fluida.

Após esse longo processo, iniciamos uma pesquisa etnográfica no Bairro, a fim de encontrar possíveis personagens representativas do grupo que pretendi estudar: mulheres, artesãs e residentes no bairro Antônio Bezerra. Investigamos através de moradores do Antônio Bezerra os artesãos próximos aos seu cotidiano, que poderiam ser amigos, familiares ou qualquer pessoa que tivesse como ofício o artesanato, durante um período de 2 meses. A final, encontramos 4 mulheres que se encaixavam nos perfis representativos com características, aparentemente, heterogêneas, tanto na personalidade, como nos tipos de artesanato a que se dedicavam.

As entrevistas que serão executadas, possuem caráter qualitativo e com isso o roteiro criado para as entrevistas trazem perguntas que buscam perpassar a vida das entrevistadas e ainda investigar a sua relação com o Bairro e com a cidade; com seus pertences e objetos; com o trabalho e a como se dá o processo de viver, ou não, de artesanato.

Pontuadas, segue o roteiro de perguntas:

1. “Cabeçalho”: Nome, idade, estado civil, formação, configuração familiar;
2. Nascimento (Onde, quando, memórias marcantes, família...)
3. Adolescência
4. Juventude
5. Hoje
6. Relação com as coisas
7. Relação com a arte
8. Relação com a cidade e com o bairro
9. Relação com o trabalho
10. Como se deu o processo de incluir a arte na própria vida/ o processo de viver de arte
11. Perspectiva de caminhos individuais e coletivos (grupos na cidade, por exemplo)
12. Fale-me sobre suas mãos.

## TOQUE

Construir a exposição com a técnica de String Art determina minhas pesquisas acadêmicas sempre caminharam em torno de discussões mais sociais e em questões que me afetam enquanto mulher panssexual, principalmente, e os dilemas que ocupar a cidade me traziam. Assim nasceu a pesquisa sobre sexismo na cena de Heavy Metal e como música era capaz de se tornar excludente e machista, principalmente por estar no contexto de Fortaleza. Saturada da pesquisa por razões como o machismo reproduzido pelas mulheres, os espaços de show extremamente agressivos e não muito receptivo a qualquer mulher que passavam por ali me deixava extremamente travada com o simples fato de ir um show encontrar as pessoas que eu gostaria de conversar para fazer a pesquisa. A cada leitura, meu olhar se tornava mais crítico sobre aquele espaço e mais difícil ia se tornando qualquer acesso a ele. O que levou a pensar em pesquisar o assunto e, em outra instância, eu havia respondido em sala de aula a pergunta de um professor de metodologia científica que amava música, fotografia e debates sobre feminismo/ direitos humanos. No ímpeto, desapeguei de todas as minhas zonas de conforto de ter uma pesquisa já bastante avançada e respondi mais uma vez à pergunta do meu professor mentalmente: “Hoje eu sou artesanato”. Me colocar como artesã fez com que eu percebesse mais meu bairro e aumentou a vontade de entendê-lo melhor enquanto um espaço de pessoas que provavelmente pensavam arte, a única questão era que eu não as conhecia.

Comecei a vasculhar entre conhecidos, pesquisar entre amigos e descobri vários artistas, porém nenhum artesão. Visitei os armazinhos, publiquei nas redes sociais, dei voltas pelo bairro em busca de placas ou lojas de artesanato, sempre estava comentando com conhecidos sobre a nova pesquisa e encontrei apenas 4 pessoas. D. Ana, encontrei uma lojinha em uma das ruas do bairro. Tamires, descobri através de um ex-namorado que a conhecia. D. Aretuza é participante do Centro Espírita que minha frequenta e minha vizinha (fiquei pasma). D. Diva é mãe da Nágila, uma moça que fiz amizade na parada de ônibus no Terminal do Antônio Bezerra atrás de um outro amigo (este poeta e sempre está vendendo seus livretos no Dragão do Mar, que foi o local que nos conhecemos e recentemente descobri que ele também é meu vizinho).

Imediatamente marquei entrevista com a Tamires, que foi acessível por já ter ouvido falar de mim através do meu ex-namorado, Pablo, e de um amigo do curso de Gastronomia da UFC, Ivo, os quais aqui já esboço a gratidão por indiretamente influenciarem este encontro. Marcamos em um sábado à tarde, no seu ateliê, que fica no jardim da casa, configurado como uma mini casinha, recheada de tintas, papéis e pincéis. Narrou os encontros e desencontros de si enquanto mulher, negra, jovem e artista. A identificação foi imensa e me trouxe diversas

ideias de possibilidades para a exposição para falar da arte e artesanato enquanto expressão de si e os processos de resistência escancarados que nos formam.

A segunda entrevistada foi a D. Aretuza, que se recusou a fazer a entrevista em sua casa e preferiu vir ao meu ateliê. Suas histórias giram muito em torno da família e o artesanato só chega em sua vida após a morte do marido. Aposentada, leva o artesanato como uma distração. Quando a indaguei sobre considerar artesanato seu trabalho, ela respondeu com a brilhante frase que até agora martela em minha memória: “Trabalho é mente ativa”. Ela tem toda a razão, quem poderia negar? Sua presença no artesanato é tímida, porém de uma importância subjetiva imensa. Dona Aretusa tem muito a ensinar e a comunicar. Essas entrevistas tiveram caráter de aproximação das entrevistadas, para que, em outro momento, a inserção da câmera de vídeo não soe tão invasiva.

Com D. Ana, visitei sua loja, localizada a seis quadras da minha casa e trocamos contatos para fazer uma entrevista. Até o presente momento a entrevista não foi executada, mas facilmente pode ser marcada. Por último, D. Diva, especialista em crochê, que conheci através das histórias da Nágila, amiga a qual conheci no terminal e mantenho mais contato via internet. Acompanho o trabalho da D. Diva pelo Instagram e ela já se colocou disponível para a entrevista.

Para nenhuma delas foi proposto a gravação de imagens, momentaneamente, todavia enquanto transcrevia as entrevistas já feitas, milhares de possibilidades de quadros passam pela minha cabeça e me deparo com o tamanho da força e debate que todos eles juntos poderão causar na comunicação, no espaço do Instituto de Cultura e Arte, no Antônio Bezerra principalmente, para essas mulheres com suas histórias tão bem expressas em duas linguagens tão profundas (o String Art e os documentários), firmando tantas linhas em um recorte de espaço e tempo, que passou por uma série de limitações, mas estar executado já o torna uma enorme potência.

Foram elaborados trinta e seis quadros em madeiras do tipo compensado com 8mm de espessura, medindo 30cm<sup>2</sup> cada. Suas pinturas variaram da tinta nanquim aguada verde, verniz ambarana, verniz incolor e verniz mogno, de modo a construir uma base de madeira mais coerente com a proposta de narrativa de cada uma. Os desenhos foram feitos à mão, sem suporte de programas de edição como Photoshop e foram martelados com pregos sem cabeça de formato 8x7. Posteriormente, os pregos foram protegidos com uma substância antioxidante chamada PCV, de modo que a vida útil dos pregos aumenta consideravelmente. As linhas que

constroem as texturas e imagens são de crochê, impermeabilizadas por termolina leitosa. O processo de criação dos quadros consistiu nos seguintes passos:

1. Contato inicial e uma primeira entrevista gravada apenas em áudio com duas artesãs (Aretuza e Tamires), feitas com o intuito de aproximação com as artesãs e teste das perguntas;
2. Coleta das entrevistas gravadas em vídeo, que duraram cerca de 6 meses (contando com regravações);
3. Decupagem dos áudios coletados;
4. Esboços e rascunhos de imagens que pudessem representar falas marcantes de cada período;
5. Execução dos desenhos base de cada quadro;
6. Corte das madeiras;
7. Pintura das Madeiras com tinta nanquim aquosa ou verniz;
8. Processo de aplicação dos pregos e antioxidante para os mesmos;
9. Realização de algumas pinturas nos quadros;
10. Alinhamento das imagens construídas;
11. Acabamentos e finalizações.

Os quadros serão apresentados em capítulos focados em cada artesã, mas antes gostaria de situar ao leitor as personagens no capítulo seguinte.

## **O ENCONTRO**

Como dito anteriormente, investiguei os artesãos conhecidos através de moradores do Antônio Bezerra, que poderiam ser amigos, familiares ou qualquer pessoa que tivesse como ofício o artesanato.

**Aretuza** é uma senhora de uma vida mais voltada à casa, que nunca teve um trabalho formal e seu principal ofício sempre foi cuidar da família. Após o falecimento do marido e um acidente no braço direito que passou a preparar peças artesanais para ocupar um pouco mais a mente e realizar auto fisioterapia. Segundo ela, a fisioterapia médica era extremamente dolorosa e foi com o artesanato, pouco a pouco, que recuperou o movimento da mão lesionada por uma queda. Dona Aretuza constantemente pontua a importância do artesanato como terapia ocupacional, pois segundo ela “trabalho é mente ativa”. Seu trabalho consiste em bonequinhos com coco e não vende em grande escala, apenas por encomenda. Um de seus filhos trabalha

com restauração de imagens religiosas e até então, os dois se sustentam com seus trabalhos manuais e se apoiam em seus processos criativos.



Figura 1: Foto de Aretuza. Fonte: Acervo Pessoal

**Tamires** é formada em serviço social pela UECE e foi através de amigos pessoais que conhecemos o trabalho de bijuterias feitas com desenhos em aquarela. Além disso, ela é poetisa e militante negra. Os seus posicionamentos, suas vivências e anseios transbordam em todos os detalhes do seu trabalho que, aquarelando principalmente mulheres negras em diversos momentos, confirmando que são de alguma maneira, autorretratos e que a possibilidade de comercializar e (re)encontrar nas ruas de Fortaleza adornando corpos de outras mulheres. Uma arte indissociavelmente política e constantemente a artesã reverbera o orgulho por isto.



Figura 1: Foto de Tamires. Fonte: Acervo Pessoal

A primeira contatada foi **Dona Ana**, artesã de Barro e uma das poucas artistas do bairro que abre a frente da casa para colocar seus trabalhos para venda. Entre vasos enormes,

decorações para jardins e pequenas artigos expostos na garagem da casa, Ana Lúcia se mantém presente como artesã e a atual provedora da renda de sua família através do artesanato.



Figura 3: Foto de Ana Fonte: Acervo Pessoal

**Diva Moreira** é uma mulher, mãe de uma atriz (Nágila) que nos foi apresentada através de um encontro com Uli no ônibus, nas linhas do terminal do Antônio Bezerra. Diva trabalha com crochê em casa como sua fonte de renda, não expõe em feiras, apenas na internet e oferece variados tipos de serviço.

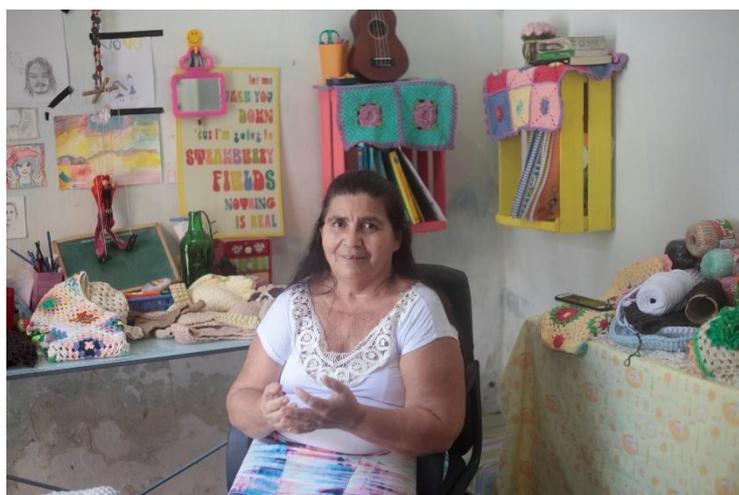


Figura 3: Foto de Diva. Fonte: Acervo Pessoal

Encontradas as artesãs e deu-se início ao processo de elaboração dos quadros de modo simultâneo à elaboração do documentário, em que busquei traduzir a potência de cada história relatada e confiada a este trabalho. Assim, mergulhemos no processo da exposição nos capítulos seguintes.

## AQUARELÁVEL TAMIRES

A construção dos quadros da artesã Tamires carregou muita influência nas suas falas sobre a natureza e o enverdecer. A cor base da sua série foi um verde escuro de tinta nanquim aquosa, com a intenção de rebuscar e contemplar o discurso da impermanência da tinta em sua arte com aquarela.

Os desenhos foram muito representados pela imagem da mulher negra, da própria casa e de grupos de mulheres, como foi fortemente pautado em alguns trechos da entrevista.



O primeiro quadro representa a primeira vista da entrada da casa de Tamires, que foi uma das primeiras da região, conseguindo preservar um ambiente arborizado e amplo. Atualmente, um dos primeiros espaços da casa é o ateliê da artesã, que está repleto de livros e materiais de pintura, tornando o logradouro seu local criativo.

É a partir do ambiente da casa que Tamires relata longas experiências com seu processo criativo de contar histórias e do seu inicial contato com a natureza que permanece forte até hoje. Dessa maneira, o segundo quadro tenta representar parte desta infância de uma menina entre folhas e flores.



O terceiro quadro, por sua vez representa o processo da adolescência, em que a entrevistada relata seu desenvolvimento em torno de uma baixa autoestima fortemente provocada pelo racismo. A fonte pensada para escrevê-lo é grande e arredondada, todavia possui um traço afilado, formando a ideia de o racismo pode ser sutil, mas ele pode ocupar um espaço extremamente grande e representativo no desenvolvimento de uma mulher negra.



A partir disso, fala sobre fazer morada de si, sobre o seu processo de empoderamento construído, tijolo a tijolo, para chegar na Tamires expressiva e segura de si que entrevistamos e representamos no quadro quatro.



Por conseguinte, é questionada sobre o seu processo artístico a partir do próprio olhar e pontua a importância de algumas obras, entre elas, uma que virou quadro em releitura. Em palavras, Tamy consegue resumir seu trabalho em infinitude. Sua arte artesanal é uma maneira de expandir seus pensamentos e tornar-se uma comunicação com o futuro.



Além disso, o âmbito do trabalho “ser potência” para outras pessoas foi uma fala fortemente pontuada. O mover-se coletivamente é algo fundamental no olhar de Tamires, por isso quando pessoas remam juntas, chegamos bem mais longe. Ela ainda acrescentou sobre o quão foi importante o próprio recorte, por exemplo na Rede Quilofé e na técnica da aquarela, em que ela se percebe cercada de mulheres como uma rede apoio e fortalecimento.



Ao encerrar a entrevista, coloquei a artista em comunicação com as próprias mãos. “São muitas, são como mãos dentro de mãos”. Fazendo surgir o último quadro, que tornou-se um arranjo de mãos com a provocação de formar uma vulva quando observado de longe.

## ANA: DO BARRO SE FEZ A MULHER.



As primeiras falas de Ana buscaram suas memórias da infância e a forte relação afetiva que tem com a cidade cearense Aracoiaba, a qual teve a oportunidade de aventurar se em intensos banhos de rio, o qual atravessava grande canaviais para chegar. O primeiro quadro retrata essa ânsia de chegada ao mergulho.



Seguido das memórias felizes, Ana discorreu sobre sua vinda para Fortaleza e a constante fala “Eu queria morar era lá, mas só vou de vez em quando.” Geograficamente, Ana moveu-se de Aracoiaba para Fortaleza e morou durante pouco tempo com umas irmãs para estudar e somente após o casamento, houve a mudança para o bairro Antônio Bezerra, movimento o qual representamos em mapas. O simbolismo de um ônibus é fortemente marcado na vivência de quem faz a transição do interior para a cidade e vive em uma constante saudade.



Após o casamento Dona Ana tomou a decisão de se tornar dona de casa e se orgulha em dizer que acompanhou o crescimento dos filhos de perto, que os três encontram-se formados e “encaminhados na vida”.



Quando questionada sobre seu processo artístico, Ana revelou a influência das suas irmãs Lucila e Margarida. A primeira, diretamente no ofício de artesã, estimulou Ana a desenvolver uma possibilidade alternativa de renda. A segunda, por sua vez, passou por momentos extremamente delicados com sua saúde, tendo Dona Ana como porto seguro nos acompanhando ao hospital para o tratamento de câncer desenvolvido de uma sarcoidose pulmonar. Durante os acompanhamentos desempenhou o papel de professora de artesanato com as famílias dos pacientes por todo o período de tratamento, até Margarida falecer. Com o ocorrido, Dona Ana parou de frequentar o hospital por conta do desconforto das memórias que este ambiente lhe trazia e a saudade.



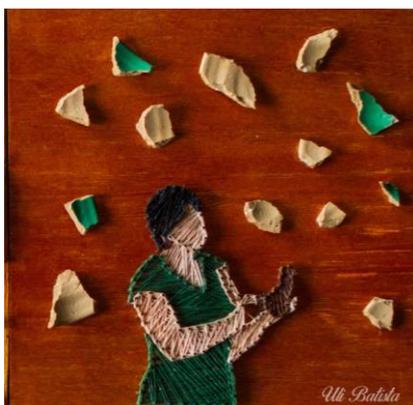
Após a quebra da empresa do marido, Ana acatou a sugestão da irmã e passou a trazer itens de Cascavel, onde sempre ia acompanhar sua irmã na compra dos itens já moldados, prontos para pintura. Desse modo, Dona Ana começou a decorar e vender seus artigos em barro e, em um curto prazo, já era a provedora do lar. Para representar este processo foi feito um quadro inspirado no pássaro João de Barro, que usa a mesma matéria-prima de Ana para construir e manter seu lar.



A narrativa de vida do artista por muitas vezes se mistura com sua arte. Alguns dos itens pintados por dona Ana remetem a sua vivência no interior, como as casinhas simples, alguns pássaros e animais. Entre estes, ela relata um carinho especial pelo jumentinho com “caçuás”, constantemente visto em aracoiaba.



Durante o processo de tratamento do câncer da irmã, Dona Ana esteve fazendo trabalhos voluntários no Instituto do Câncer do Ceará (Casa Vida), com o intuito de fortalecer, em rede, seu emocional durante os tratamentos da irmã. Ela desenvolveu oficinas de artesanatos para os familiares dos pacientes que os aguardavam, num sistema de arte terapia coletiva.

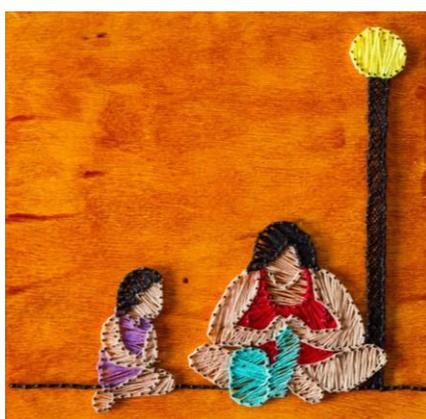


O cotidiano de Ana atualmente é estar cercada de itens de barro aguardando suas cores e inspirações. A decoração dessas peças é o que tem movido sua vida para um caminho de autonomia e motivação.

## DIVA: CROCHÊ EM REDE



Dona nasceu no Curu, na infância com sete irmãos, recordou as cirandas iluminadas pela lua em que brincavam incansáveis. Este é o único quadro com um fundo preto, assim feito para representar de modo mais fiel as noites de brincadeiras da família e as cores nos corpos das crianças, como a energia que os simbolizava naquela fase da vida.



Além dos irmãos, outra memória que marcou fortemente a vida de Diva foi o aprendizado de crochê com sua mãe à luz dos postes da cidade. Nesse momento, a família já morava no bairro Antônio Bezerra, e o cenário que ambientou este momento foi o da rua Hugo Victor e aos poucos, com a curiosidade como motivação, foi aprendendo os primeiros pontos de crochê.



Sua infância e adolescência passaram rápido, pois muito cedo ela assumiu responsabilidades do lar. Entre estas, estava a função de cuidar de crianças de conhecidos desde muito jovem, mudando de configuração apenas após o próprio casamento, aos 15 anos.



Após o casamento e passando por imensas dificuldades, Dona Diva transitou por várias ruas do mesmo bairro e uma das mudanças de casa que foi necessário ocorreu devido uma enchente que atingiu a casa em que moravam até a metade de sua altura. Todavia, políticas públicas de assistência retiraram todos os moradores da região e assentou o terreno para que fosse possível um retorno dos moradores. Dona Diva relata com um sorriso a volta para a casa, mas explica que até hoje não conseguiu reformá-la.



Suas transitoriedades dentro do bairro foram muitas, criando um forte vínculo com o Antônio Bezerra. Saiu do interior e criou raízes no barro vermelho (como era chamado o bairro antes de se tornar Antº Bezerra).



A produção de Diva está em rede. Sua técnica aprendida com a mãe hoje escoa através de uma rede de amigas moradoras do bairro, que ela mantém contato principalmente via redes sociais. A maneira encontrada de expressar essa rede de mulheres e nuances que as cercam e as linhas que as conectam.

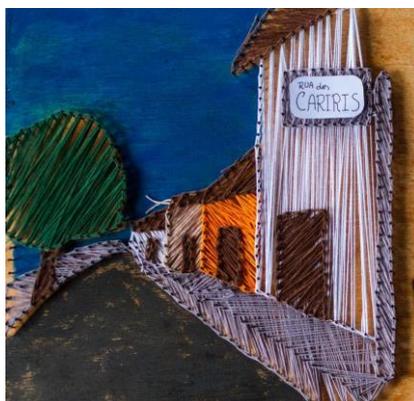


A obra - presente é este quadro. Após o primeiro contato nas entrevistas, Diva propôs me presentear com uma peça de sua produção. Escolhi apenas a cor e perceber que trabalhamos com um mesmo material (a linha de crochê) e com a sensibilidade sobre o outro, entre medidas e preferências. Coloco um presente cheio de afeto para ser visto e tocado que simboliza muito dos processos de troca que este trabalho se propõe.



Quando perguntada sobre sua arte e o sua relação com o crochê, foi de intensa demarcação sua fala sobre pensar sobre crochê toda hora. Uma constante pesquisa, observação e interesse contínuo sobre o assunto me fez enxergar esse pensamento contínuo os longos cabelos da entrevistada como uma extensão e simbiótica do seu corpo. Quando questionada sobre as suas mãos, a entrevistada coloca sua crença como algo que a perpassa intensamente e naturalmente dá força ao que lhe é produzido.

### **ARETUZA: A MENTE ATIVA**



Onde nascemos diz muito sobre nossas trajetórias e memórias. Aretuza conduz uma intensa parte sua história de vida à saudade do Crato, onde nasceu. Como ponto de partida

proponho uma vista do rua dos cariris, a qual a artesã viveu até sua adolescência.



Nas suas narrativas uma família que se reúne em torno de uma mesa iluminada pela lamparina para ouvir a programação da rádio da cidade. Na família de cantoras e músicos, a rádio teve extrema importância na vida de Dona Aretuza como meio de comunicação e entretenimento.



Um dos marcos importantes foi o momento em que Aretuza conheceu seu marido. Segundo seus relatos foi amor à primeira vista com seu companheiro de vida. Casou aos 14 anos de idade, no decorrer da vida teve cinco filhos mas, devido uma transferência de cidade do trabalho do marido, sem escolha teve que vir morar em Fortaleza e iniciar uma nova vida. No quadro do pássaro triste, sinalizo o ponto chave das suas memórias fortemente marcadas pela saudade. Um pássaro triste que tardou pousar o coração em Fortaleza.



A fala da artesã sobre sua chegada em Fortaleza e, de imediato, no bairro Antônio Bezerra, é de recolhimento. A ausência de lazer, espaços de convivência no bairro levaram Aretuza e sua família a ter como único meio de entretenimento a televisão. É extremamente forte perceber esse movimento como uma das únicas válvulas de escape possíveis.



O artesanato de Dona Aretuza iniciou após um acidente doméstico que causou fraturas em várias partes do seu braço. Desse modo, o quadro demarca um início de uma transição de vida, em que a artesã, após não se adaptar a fisioterapia, começou a experimentar a feitura de bonecos de coquinhos. Aos poucos ajudou a recuperar os movimentos e demarca a importância do artesanato na sua recuperação.



O olhar para o artesanato e a arte foi apurado no quadro seguinte, em que represento Weyne, seu filho que também é artesão com foco em restauração de santos e Joana D'arc, amiga (em memória), que fazia diversos tipos de artes artesanais foram as principais pessoas que a influenciaram a iniciar seus processos.

Por fim, encerro a exposição com o quadro de uma mulher de mente-árvore, que tomei como base a sua fala que carrego comigo desde nosso contato: “trabalho é mente ativa”. Nosso trabalho é uma maneira de criar raízes conosco, transformar nossas dores em transformação através de coisas simples. A arte é um remédio para si e para o mundo, o que nos toca também atravessa a vivência de tantas outras pessoas e formamos essa rede de mentes vivas e criativas que transformam tanto.

## **A EXPOSIÇÃO: O ESPAÇO PARA TOQUE**

Em um primeiro momento sua estrutura será montada no ICA, já vislumbrando a proposta de tornar a exposição móvel e itinerante. Em quatro painéis de 1,20 x 2m se monta uma exposição de em média trinta e seis quadros nos tamanhos de 30 cm<sup>2</sup>. O documentário que contemplam um material audiovisual das entrevistas e processos de produção dos quadros que traçam um panorama da história de vida de cada artesã.

A disposição do projeto convida à interação por meio do TOQUE, que vai além do registro fotográfico e de vídeo, por parte de quem participa da exposição: Pegar nas obras é preciso.

## **O DOCUMENTÁRIO: RECORTE DE TEMPO PARA O TOQUE ALÉM DOS MUROS**

Com a intenção de dar maior visibilidade ao projeto, atingindo outras formas de público utilizando como ferramenta o audiovisual, serão produzidos web documentários, a fim de registrar cada um dos processos: das entrevistas com as artesãs e de concepção e criação dos quadros de modo intenso.

O documentário possui um processo de montagem em blocos, devido a captura de quarto entrevistar com duração de mais ou menos uma hora cada, foram delimitadas temáticas:

1. Apresentação, que tem o intuito de situar quem são essas personagens;
2. Bloco inicial com foco na relação das artesãs com suas famílias, passado, lembranças;
3. A relação das personagens com a cidade e o bairro, falando de suas histórias de permanências e transições;
4. Por último, a temática da arte e do artesanato e como cada uma delas se desenvolvem no campo da arte e com seu artesanato.

Algumas desenvolveram um pensamento mais extenso que outras. Tamires tornou-se a artesã da voz condutora do documentário, sendo a mais jovem das entrevistas e a única negra, suas falas vieram carregadas de histórias que viram um ponto guia interessante para direcionar a narrativa junto às outras artesãs, nas suas similaridades e diferenças, por exemplo nas falas a primeira se coloca como uma mulher de forte empoderamento e a segunda mais ligada a uma vida marcada pela condição de mãe de mais de uma geração de pessoas (a mãe dos filhos, netos e bisnetos) que a coloca em uma narrativa marcada por alguns silêncios que comunicam muito, todavia foram respeitados. Como intermédio, Ana e Aretuza trazem de modo muito intenso as suas relações com o interior e, também, a condição de mãe, cada uma com sua particularidade e será encerrado com uma fala que amarra onde nos encontramos e qual nossos meios de ser artesãs e constantes pulsões de vida e nossos encontros tornaram o projeto muito mais amplo que a proposta inicial do projeto.

A vontade de transformar em audiovisual todo o processo deste projeto, se alinha também no debate de Democratização da comunicação, que, assim como comentamos na justificativa, tem como ponto central permitir acesso dos meios e das mídias à todas e todos. Circulando também na cidade em todas as possibilidades postas.

Além disso, a exposição terá captação de imagens contínua para que, ao final de todo o processo da exposição, seja gerado um documentário longa metragem com as histórias de todas as mulheres periféricas e artesãs, no intuito de dar continuidade ao debate na esfera online, utilizando como mídia o audiovisual.

## **AS DIGITAIS CONTINUARÃO A SE ENCONTRAR**

O projeto experimental de conclusão de curso posto veio comprovar as suposições e inquietações que durante toda a graduação foram me perpassando e direcionando a caminhos por uma comunicação social que vem de dentro de cada indivíduo que cruzamos. Uma comunicação que não rompe somente com as tão questionadas “barreiras da universidade”, mas que atravessa a cidade e o mundo se preciso for, que compartilha o conhecimento com outro, num movimento contínuo de ida e vinda, um trânsito. Uma comunicação que vai ao encontro, que escuta atenta, que se adapta às realidades para se ampliar. Enquanto publicidade, um projeto que não se limita um produto final, mas que está interessado nos modos de fazer e nas subjetividades do outro e no que isto implica em ideias palpáveis que podem ser tocadas e vistas em diversos meios. Como a experiência de comunicar-se chega até o profissional de comunicação e retorna à universidade, mantendo o trânsito.

Com o TOQUE, foi possível fortalecer a ideia de uma publicidade que impulsiona a voz de pessoas tantas vezes silenciadas através de um fazer artístico e metalinguístico (o artesanato que fala de artesanato), adicionado de um fazer de acesso mais prático para um maior número de pessoas, como o documentário. Nossa vós estará na internet, em festivais, nas casas das pessoas em exposições mais intimistas e em qualquer espaço em que exista gente interessada nos debates que nossa existência propõe, tornando o fazer publicitário uma vitrine mais sintonizada com a realidade posta e com os recursos disponíveis no recorte de espaço e tempo e, claro, a vontade que nos pulsa.

Desse modo, estão postas as limitações vividas para construção do mesmo, a criação feita por muitas mãos e poucos recursos. Todavia, Toque é uma potência que será ainda mais ampliado e estarei inevitavelmente debruçada sobre as pesquisas, vivências e fazeres que a realização do mesmo nos proporcionou, ampliando visões sobre o artesanato, a arte, o labor publicitário e a arte terapia como modo de subsistência, esta última como a nova inquietação colocada para os anos que virão. As nossas digitais já não são tão invisíveis e continuarão a se encontrar.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. (1938). **O artista e o artesão**. Aula inaugural dos cursos de Filosofia e História da Arte, Instituto de Artes, Universidade do Distrito Federal, Brasília, DF, Brasil [digitada].

CANCLINI, Néstor García. **Cultura híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006. 385 p.

Estes, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**/de Clarissa Pinkola Estes; tradução de Waldéa Barcellos; consultoria da coleção, Alzira M. Cohen. – Rio de Janeiro: Rocco, 1994. (Arcos do Tempo)

GROPIUS, Walter. Manifesto Bauhaus, 1919. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2005/03/12/000.htm>>. Acesso em: 18/06/2018

MIDORI, Aline; BIZARRO, Melissa. **Projeto Experimental Artesanato**. Disponível em: <<https://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/filos-04-artdesign.html>>. Acesso em: 06/06/2018.

PAZ, Octavio. **O Uso e a Contemplação**. Tradução; Alexandre Bandeira. São Paulo: Editora Cultura e Ação, Revista Raiz n.3 p.82-89. 2006

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **“Histórias de vida e depoimentos pessoais”**. Sociologia, Vol. XV, nº 1, março de 1953.

STRATHERN, Marilyn. **O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Malinésia**. Marilyn Strathern; André Vilalobos, tradutor. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.